



O DESEMPAREDAMENTO COMO CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA CURRICULAR: É POSSÍVEL?

Joice Camila Dos Santos Kochi (CEI UFGD)¹

Nataly Gomes Ovando (CEI UFGD)²

Eixo 8 - Relatos de experiência

Resumo

É um relato de experiência em andamento que tem ocorrido no Centro de Educação Infantil Municipal da cidade de Dourados/MS. Parte das primeiras reflexões de experiências referentes ao Projeto institucional intitulado “Meu quintal é maior que o mundo” organizado pela equipe pedagógica. Este projeto objetiva vivenciar nas práticas pedagógicas cotidianas da instituição, ações voltadas ao espaço externo à sala de referência, na busca de planejar espaços, materiais e tempos para ser um laboratório científico de vivências e experiências dos bebês, crianças bem pequenas e pequenas, na tentativa de garantir o que a legislação atual brasileira define para o currículo educacional da primeira infância. Compreendemos a criança como sujeito de direitos, expressa pelas DCNEI (2010); pela garantia dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento afirmados na BBNCC (2017) e pelas contribuições da estudiosa da infância Léa Tiriba, ao suscitar o conceito de “Desemparedamento” (TIRIBA, 2017) nas instituições de educação infantil e sua emergência para a real educação na sociedade atual. Relatamos metodologicamente, como surgiu a problematização pelo grupo de professoras e como a equipe tem atuado junto às crianças e comunidade escolar para que a retirada das crianças das quatro paredes da sala aconteça na instituição. Estando a proposta em andamento, é possível constatar que: (a) A ação de desemparedar levou o grupo de professoras a estudar e pesquisar cotidianamente a fim de compreender e viver a proposta; (b) Os estudos têm fortalecido o grupo de professoras, que em muitos momentos percebem um ‘emparedamento interno’ que dificulta a real garantia de liberdade das crianças; (c) A proposta aumentou significativamente as interações e brincadeiras entre bebês e crianças de diferentes faixas etárias; (d) A compreensão de tempo e rotina sendo repensadas pela equipe

¹ Docente CEI UFGD joice.kochi@gmail.com

² Docente CEI UFGD natalygovando@gmail.com

pedagógica; (e) A participação e inserção das famílias na proposta tem aberto possibilidades de ampliação das experiências do Projeto.

Palavras chave: Desemparedamento. Educação Infantil. Brincar Livre. Protagonismo. Currículo.

O começo...

Ressignificar o que a criança, em sua primeira infância faz no ambiente de educação formal tem sido uma das questões indagadas pelo grupo de professoras da educação infantil da qual essas autoras fazem parte.

Indagações estas que tem levado a equipe pedagógica a repensar a rotina cotidiana dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, trazendo para a centralidade do processo pedagógico o brincar, o participar, explorar, expressar, conviver, conhecer-se, estes Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento expressos pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

A participação das autoras no evento VIII Congresso Paulista de Educação Infantil e IV Simpósio Internacional de Educação Infantil no ano de 2019, juntamente com o anseio da equipe de professoras para colocar em ação o Projeto institucional intitulado “Meu quintal é maior que o mundo”, suscitou a iniciativa de estudos entre o grupo de professoras da instituição.

Organizado pelas próprias docentes, estas com carga horária integral na unidade, os encontros acontecem no horário do almoço, uma vez por semana. Os textos são escolhidos pelo próprio grupo, e a discussão deste liderado por uma ou duas profissionais a cada semana. E no primeiro encontro foi discutido a urgência do “desemparedamento” (TIRIBA, 2017, p 82) das crianças, conceito esse apreendido com os escritos da estudiosa Léa Tiriba.

No Projeto interno almejado pelo grupo: “Meu quintal é maior que o mundo” há a mesma essência do “desemparedamento”, já que tem como prerrogativa transformar o espaço do pátio da instituição em um laboratório científico do brincar. Porém, para alcançar esse objetivo a equipe chegou à conclusão de que só é possível viver experiências no quintal após o real “desemparedamento” das crianças e professoras.

Primeira indagação: Como desemparedar?

Segundo autora Tiriba (2017), o termo “desemparedar” surge da sua análise de pesquisas feitas com crianças na educação infantil dos últimos tempos, as quais vêm demonstrando um cenário amplo do emparedamento dos pequenos, que é um desrespeito aos direitos infantis de convívio com a natureza, e no plano macropolítica corresponde ao desrespeito da integridade da Terra.

A seguinte indagação da autora no texto, levou a equipe repensar na configuração do espaço, tempos e rotina de atendimento dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas no dia a dia da nossa instituição:

Na perspectiva de transformação do quadro de insalubridade generalizada das condições de vida no planeta, perguntamos: como as crianças matriculadas nas Instituições de Educação Infantil (IEI) vivem a sua existência? Que concepções de natureza, de ser humano, de conhecimento orientam as suas rotinas? Como se relacionam com o mundo que está para além das paredes e dos muros escolares? (TIRIBA, 2017, p. 73).

Ao refletir essas perguntas da autora, somando-se a isto surgiram inúmeras dúvidas após a primeira decisão. Como garantir experiências significativas livremente no quintal? Qual é o papel da professora quando a criança se torna protagonista de suas escolhas? Sair da sala é desemparedar? O que proporcionar às crianças desemparedadas? Como organizar os espaços e o que disponibilizar? Com as reflexões do grupo de estudo e com anseio de mudanças na nossa configuração do trabalho pedagógico e da rotina, decidimos aderir o “desemparedamento” como eixo norteador do nosso Projeto.

O caminho...

Levar as crianças para o espaço externo e disponibilizar aprendizagens no quintal tem sido intrinsecamente desafiador. Pensar o tempo, o espaço, a interação e as brincadeiras tem se tornado obrigação na organização do planejamento e do registro pedagógico, o que tem nos levado a refletir o “desemparedar” como uma concepção, totalmente carente de discussões e apropriações.

O desafio inicial foi tirar os bebês, crianças bem pequenas e pequenas das quatro paredes orientando-as a exploração livre. A grande questão é que as próprias professoras se sentiram inúteis no processo, sem compreender seu papel e sem conseguir orientar as crianças às explorações e brincadeiras.

Como medida, a equipe pedagógica buscou a literatura para teorizar suas ações e compreendê-las. As discussões trouxeram como o foco, o campo da observação e mediação docente. As professoras também procuram partilhar e discutir registros fotográficos, vídeos e escritos. Essas reflexões, aos poucos, foram fortalecendo o grupo e diminuindo o medo e a insegurança docente em ousar na tentativa de chegar ao que as leituras em grupo amparavam.

Algumas professoras saíram das quatro paredes com as crianças, mas as emparedaram no quintal. Esse emparedamento do lado externo fez a equipe refletir e uma das reflexões nos remeteu a pensar como é imprescindível estar embasado teoricamente e apropriado da concepção central proposta.

O que tem feito com que as ideias caminhem, são as idas e voltas da equipe diante das necessidades do grupo de crianças. Repensar diariamente as ações, discutindo e observando, têm fortalecido a equipe pedagógica. E esse repensar perpassa pela busca de leituras e discussões em grandes e pequenos grupos de professoras. Essa dinâmica tem sido essencial para o fortalecimento da equipe que tem buscado construir a proposta coletiva de trabalho, onde a totalidade das ações é mais importante do que eventos individuais em sala.

A organização dos espaços encontra-se em discussão cotidiana. Que caminhos trilhar? Experiências direcionadas e livre ao mesmo tempo? Como organizar materiais significativos e que potencializam aprendizados?

Num primeiro momento as professoras se preocuparam em disponibilizar tempo para que as crianças pudessem explorar os espaços externos da instituição. Enfrentar o quadro de rotina fechado, com horários para descansar, comer e higienizar foi o primeiro e o grande desafio. Por que os bebês precisam comer antes das crianças pequenas e não junto às crianças pequenas? Por que levar o grupo de crianças de uma sala todas ao mesmo tempo ao invés de pequenos grupos, que oportunizem as diferentes idades à interação?

As professoras logo perceberam também a dificuldade das crianças em serem autoras do seu brincar e interagir.

Diante da busca incessante pela proposta do quintal e do brincar livre, as professoras foram à literatura para compreender como organizar os espaços externos, que tempo dispor para essa organização, e como planejar. Essas provocações suscitaram propostas no quintal como: o brincar heurístico,

experimentações, brincar livre, exploração de não estruturados e estruturados, rodas de música e contação de histórias.

Uma semana de desemparedamento foi o suficiente para mexer com toda a estrutura e rotina da instituição. Ao se familiarizar com o novo momento percebeu-se a apropriação do tempo pelas crianças e a criatividade se instaurou. Logo, os espaços e elementos dispostos se tornaram tudo o que a imaginação permitiu criar.

Algo que tem chamado a atenção da equipe é a interação entre os grupos de crianças, desde os bebês às pequenas (entre quatro meses a cinco anos de idade). No quintal brincam juntas, sem qualquer episódio de desrespeito entre elas, pelo contrário, as crianças pequenas cuidam dos bebês, conduzem pela mão, partilham brinquedos e comunicam-se.

A instituição possui um quadro significativo de irmãos em grupos de crianças diferentes. Com a proposta do quintal, as crianças estão tendo a oportunidade de socializar diariamente as experiências e as brincadeiras. Unir esses irmãos que passam 10 horas no espaço escolar diariamente, tem sido intrinsecamente positivo e humanamente imprescindível.

A relação da criança com a natureza é também um dos principais objetivos da proposta do “Meu quintal é maior que o mundo”. Como garantir os princípios Éticos, Estéticos e Políticos, estabelecidos pelas DCNEI’s (2010), sem humanizar? E como humanizar sem estar em contato diário e direto com a natureza?

Tiriba (2017) chama a atenção para os diferentes modos de “[...] ferir os direitos infantis!”, nesses escritos, especificamente, trata do desrespeito instaurado na sociedade atual, que segue a reproduzir, ainda no século XXI, o modo de funcionamento social e escolar que se instituiu entre os séculos XVIII e XIX, período de afirmação da sociedade organizada em torno da produção, acumulação e consumo de bens. Cabe às educadoras do século XXI percorrer a rota inversa à sociedade fazendo valer o direito das crianças à

[...] deslocarem-se e a movimentarem-se livremente em ambientes naturais, entendidos como aqueles que são constituídos por todos os seres vivos, humanos e não-humanos, mas também por seus componentes e processos físicos como o ar, as montanhas e os fenômenos climáticos (TIRIBA, 2017, p.74).

Os desafios...

Como envolver a comunidade escolar nesse processo? Como levar às famílias a participarem e compreenderem a essência da proposta?

Um dos aspectos facilitadores para essa inserção, parte da prerrogativa de que culturalmente e como parte do Projeto Político Pedagógico dessa instituição, existe uma participação muito expressiva das famílias e da comunidade escolar em todas as atividades desenvolvidas. Essa construção faz parte da história da instituição, tem sido a cada ano mais efetiva e perspicaz.

De imediato as professoras planejaram experiências que tivessem a construção do 'Quintal' da instituição como temática central do bimestre. Considerando as vivências de cada grupo e as indagações surgiram propostas de ações como:

- ❖ Plantio de flores, hortaliças no quintal pelas crianças, professoras e família;
- ❖ Construção de espaços psicomotor com materiais sustentáveis;
- ❖ Construção das partes de uma casa com materiais sustentáveis (sendo um anseio das crianças ter uma casinha no espaço da instituição);
- ❖ Construção de uma Oca, uma vez que existe na instituição um grupo expressivo de crianças indígenas e um dos projetos é aproximar e compreender a cultura indígena para melhor acolher e equalizar o processo de interação entre os grupos de crianças.
- ❖ Construção de painéis sensório-motor para a exploração no quintal.

Após o fechamento dessas ideias, as famílias foram convidadas para uma roda de conversa, onde se expôs o Projeto “Meu quintal é maior que o mundo” e dividiu-se as equipes para a ação das propostas elencadas.

Avalia-se a ação das famílias na construção das propostas do quintal como primordial para o entendimento e apropriação do Projeto. Cita-se como exemplo uma mãe professora do curso de Engenharia Civil, que abraçou como projeto de extensão com seus alunos do curso e encontra-se em andamento a construção da Oca com elementos da natureza. Os alunos escreveram o projeto, montaram a maquete e como o próximo passo haverá a reunião com o grupo de famílias indígenas, a fim de que essas, analisem o projeto para ver se contempla a história e cultura de seus povos. Após aprovado, os próprios alunos iniciarão o processo de construção, juntamente com a participação das crianças, da Oca no Quintal.

O quintal tem possibilitado uma nova maneira de enxergar a criança, de entender protagonismo e de fazer valer direitos. Como pode ser possível aprender se o espaço não falar? Como pode ser possível sentir, sem tocar? Que figura docente é essa que apresenta o científico fora das quatro paredes de uma sala?

A construção do Projeto “Meu quintal é maior que o mundo”, tem suscitado diariamente indagações imprescindíveis para o grupo de professoras sobre o real currículo da educação infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>

_____ Base Nacional Comum Curricular. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>

TIRIBA.L. Educação infantil como direito e alegria. **Laplage em Revista** (Sorocaba), vol.3, p. 72-86, 2017.